

Mário,

O GRANDE, (DESCONHECIDO) FILÓSOFO BRASILEIRO

Esta entrevista foi publicada no ano de 1976, em “Rumos da Filosofia no Brasil” — coletânea organizada pelo Padre e Professor Stanislavs Ladusâns S. J., Edições Loyola —, onde foram registrados os depoimentos de 27 autores e pensadores que traçam um panorama geral dos caminhos da Filosofia no Brasil da época.

O autor, Pe. Stanislavs Ladusâns (1912-1993), nasceu na Lituânia, doutorou-se em Filosofia em Roma. Veio ao Brasil pela Ordem dos Jesuítas; aqui fundou a Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos, em 1970, e o Centro de Pesquisas Filosóficas em São Paulo.

Ladusâns, ao recomendar a obra do filósofo Mário Ferreira dos Santos às Academias e Sociedades de Filosofia da Europa fez a seguinte declaração:

“Estou realizando uma pesquisa científica sobre a situação atual do pensamento filosófico brasileiro, a fim de constatar, com objetividade, em que ponto se encontra a Filosofia hoje no Brasil, como ela se desenvolve, que metas está visando e que objetivos deve atingir. Durante esta pesquisa científica, ainda em curso, descobri um Pensador de extraordinário valor - Dr. Mário Ferreira dos Santos, nascido no dia 3 de janeiro de 1907 e falecido no dia 11 de abril de 1968. A descoberta deste filósofo solitário, dedicado a uma intensa atividade de pensamento e produção literária, surpreendeu-me não pouco e proporcionou-me a grata oportunidade de entrar em frequentes contatos pessoais com ele, **homem que ainda não foi descoberto no Brasil**...”



“O aparente abismo hodierno entre Filosofia e ciência pode perfeitamente ser ultrapassado, flanqueado pela Filosofia Concreta; é o que estamos fazendo com as nossas obras, apesar de muitos julgarem ser impossível a um brasileiro tentar fazê-lo.”

QUE FAZER PARA QUE A FILOSOFIA ATINJA AS GRANDES MASSAS POPULARES E A JUVENTUDE BRASILEIRA?

MÁRIO ■ Fazer a Filosofia atingir as grandes massas populares será, em primeiro lugar, obra que se cingirá a descê-la ao baixo grau de cultura de nossas massas populares. Precisamos estudar o que devemos fazer para erguê-las até à Filosofia, o que só poderá ser feito através de um desenvolvimento da cultura nacional — em linhas distintas das atuais, que tendam à Filosofia Positiva e não à Filosofia negativista e niilista que penetra em nossas escolas.

Quanto à juventude brasileira, este é o mais grave de nossos problemas: somos um país constituído de jovens, que formam a sua quase totalidade. Dado o baixo grau de cultura que temos, nossos estudantes passam a formar uma *elite intelectual*, o que demonstra a inferioridade em que nos encontramos. Na História, a juventude sempre é o que decorre da sua própria natureza, apresentando aspectos positivos e negativos. Positivos, pela sua capacidade de ação e de idealismo; mas negativos, pela sua irreflexão, pelo seu despreparo e apressamento, que a leva a cair, facilmente, nas malhas dos grandes agitadores e a servir aos interesses de demago-

gos e políticos. Em todas as épocas da humanidade, uma parte da juventude mais ativa tendeu à luta a favor das más causas, facilitando-as. Foram jovens que destruíram o Instituto Pitagórico, condenaram Sócrates, perseguiram Anaximandro, Aristóteles, assassinaram Hipátia de Alexandria e perseguiram Santo Alberto, Santo Tomás de Aquino, São Boaventura, quando mestres na Universidade de Paris; que uivavam pelas ruas pedindo a cabeça de Dante, de Savonarola, de Giordano Bruno; que acusavam Pasteur de “charlatão” e atiravam pedras em Einstein. Esses jovens são ativos, eficientes na sua parte destrutiva. Mas há também uma juventude construtiva. Então, o que nos cabe fazer é orientar a juventude brasileira, dar-lhe suficiente sabedoria: clara, positiva, concreta, de modo a imunizá-la contra as tendências niilistas, para que possa pôr a sua capacidade de ação e de idealismo em algo concreto que beneficie o país. Fora disso, nada dará resultado.

QUAIS SÃO AS CORRENTES FILOSÓFICAS QUE A REFLEXÃO FILOSÓFICA DEVE LEVAR EM CONTA HOJE?

MÁRIO ■ Propriamente, julgamos que todas, porque encontramos hoje, na reflexão filosófica, a restauração ou o ressurgimento de velhos erros já refutados há séculos e milênios, que passam por inovações extraordinárias para aqueles que ignoram as aquisições do passado. É necessário, assim, revisar tudo, para mostrar que muitas novidades atuais nada mais são que velhos erros já refutados, travestidos de “verdades superantes”.

RELAÇÃO CIÊNCIAS E FILOSOFIA (DADOS DO PROGRESSO DAS CIÊNCIAS EXPERIMENTAIS IMPRESCINDÍVEIS PARA A REFLEXÃO FILOSÓFICA).

MÁRIO ■ Como a pergunta exigiria uma análise longa, sintetizar aqui o que penso, torna-se, para mim, um trabalho mais difícil do que expor as grandes contribuições que a ciência traz para as novas especulações filosóficas. Não que esta venha modificar as li-

nhas mestras da Filosofia Positiva e Concreta; veio, ao contrário, robustecê-las, mas trouxe contribuições que permitiram abrir campo não só para novas análises, como também para melhor colocação de outros problemas, além de uma revisão da Metodologia, sobretudo na parte da Dialética Concreta. Trata-se da Dialética que possa de melhor modo aplicar-se à análise especulativa, para que ela não se torne meramente abstrata e sem correspondência com a realidade concreta. Basta que salientemos três pontos importantíssimos da ciência moderna. Primeiro, as pesquisas em torno da estrutura da matéria sensível, que levaram a ciência a penetrar na constituição da matéria, afastando-se o conceito de matéria do século dezanove. Temos, assim, uma visão muito mais profunda e ampla do que aquela que os filósofos anteriores possuíam, também a Filosofia Positiva de séculos anteriores, aproximando-se a passos gigantescos da concepção que os pitagóricos haviam apresentado, e que fora considerada por muitos como extravagante, tornou-se muito mais compreensível. Naturalmente, se alguém considera que o número é apenas o da matemática vulgar, o da extensão, da quantidade, ou o esquema da participação quantitativa, é lógico que a definição pitagórica de que as coisas são números passa a ter um sentido demasiadamente brutal e inaceitável. Mas no momento que se compreender que número não é apenas isso, mas todo o esquema de participação de qualquer espécie de unidade, porque é a manifestação da unidade sob todos os seus aspectos e, portanto, sob todas as formas manifestativas em que se exija o numeroso e, portanto, participado, participante e *logos* da participação e que, segundo o *logos*, existem tantos números quantos *logoi* de participação, já muda completamente o sentido e então poder-se-á compreender que, segundo todos os possíveis aspectos em que se possa tomar a unidade, podemos construir matemáticas. A ciência moderna, graças à penetração da Matemática, de início na parte quantitativa e depois no qualitativo — como se viu nas graduações — e nos relacionais — como se vê nos funtores — caminha hoje, inevitavelmente, para uma penetração cada vez maior

no caminho que já fora percorrido pelos antigos pitagóricos.

O progresso científico processou-se e firmou-se na medida em que a ciência se matematizou; a ciência, por outro lado, separou-se da Filosofia, não devido a essa matematização, mas em virtude dos filósofos, que não compreenderam bem essa matematização, que deveria ter permanecido no campo da Filosofia Positiva, se realmente fosse concreta. Por isso, o aparente abismo hodierno entre Filosofia e ciência pode perfeitamente ser ultrapassado, flanqueado pela Filosofia Concreta; é o que estamos fazendo com as nossas obras, apesar de muitos julgarem ser impossível a um brasileiro tentar fazê-lo.

Segundo, ainda no campo da pesquisa da estrutura da matéria, a descoberta das tensões, sobre as quais os físicos modernos, estarecidos ante a sua realidade, procuram escamoteá-la, sem poder enfrentar, devidamente, a implicância que a aceitação desta realidade exigiria, e que os levaria a uma especulação filosófica para a qual não estão preparados.

A terceira contribuição importante é a referente à genética, que dá novos subsídios para a melhor compreensão do homem, para novos estudos antropológicos e uma nova reflexão em torno da significação do ser humano.

Poderíamos citar inúmeros outros aspectos, que também são imprescindíveis para a reflexão filosófica. Aliás, são tantos, que não caberiam, naturalmente, no espaço que temos para responder. O que queremos apenas salienta é que devemos compreender que, das causas às leis e aos princípios de cada ciência, podemos alcançar uma sabedoria que está acima de toda ciência, uma sabedoria como a estudaram os grandes pensadores de todos os tempos, que é a “Décima Ciência” dos antigos, de que nos falava **São Boaventura**.

Essa Ciência, cabe-nos construí-la; será a metalinguagem do homem, unindo todos os especialistas numa visão global. Essa construção é a nossa grande tarefa atual, para que possamos aproveitar as grandes contribuições da ciência na elaboração de uma visão filosófica mais completa, mais perfeita



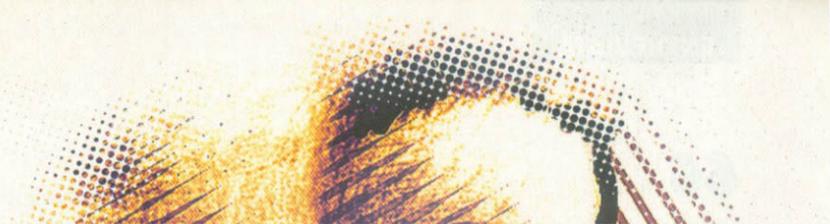
BIOGRAFIA

São Boaventura

O.F.M., Ordem dos Frades Menores (1221-1274)
Nascido Giovanni de Fidanza, em Bagnoregio, Itália, teve seu nome mudado pelo ato de São Francisco que o curou de uma doença sofrida quando criança e ao pegá-lo nos braços exclamou “Ó buona ventura”. Contemporâneo de Santo Tomás de Aquino e Santo Alberto Magno, doutorou-se em Teologia em 1257. Foi mestre da Universidade de Paris, Bispo, Cardeal e pregador. Abandonou o ensino para dedicar-se a Ordem Franciscana, como Vigário Geral. Era chamado o “Doutor Seráfico”, pelo amor angelical com que tratou intelectualmente os passos da mística de São Francisco, e pela santidade que manifestava em suas atitudes, sermões e ciência. No campo da filosofia divergia de Santo Tomás de Aquino, apesar de serem amigos, pois considerava que o aristotelismo de Tomás poderia levar a razão a ser elevada acima da Revelação, a filosofia acima da teologia, temor este que não se consumou. Para São Boaventura, a fé ilumina a razão e a eleva, o ser se abre à percepção da imanência de Deus no mundo sensível, mas é pela graça que se chega à contemplação. Escreveu dezenas de obras, das quais destacamos *Comentários às Sentenças de Pedro Lombardo*, *Quatuor Libri Sententiarum* e *Itinerário da Mente a Deus*, *Itinerário Mentis in Deum*, um tratado de ascese da razão à iluminação. Foi canonizado em 1482 e declarado Doutor da Igreja em 1588.

e mais atuante para um melhor futuro da ecumênico de aproximação dos homens, a

pulos, em regra geral, falsificam a obra dos



al, porque também
a de nossa admira-

rimelo: nãoje, sobretudo no mundo
livre, graças ao surgimento de um desejo

que, na Filosofia e temos milhares de exem-
plos para citar, os intermediários, os discí-

Reprodução

ra nascido em Córdova, foi outro que adqui-
riu a sua cultura em Portugal; Ludovico de

ra, e não seja de Portug
esta procedência não goz

“Sem uma

ção. É natural, pois, que falar numa Filosofia uma cultura. Quando este predomina, pre-

Esta é a única possibilidade que nos cabe e Esses princípios são matéria que cons-

piencial de São Boaventura, a *Sapiência* de Santo Tomás etc.

SIÇÃO GNOSIOLOGICA, METAFISICA E ÉTICA; ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA?

BIBLIOGRAFIA: MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

NTOS

quais se encontram — posso

o teorema da soma dos angulos

obrigações (§ 50), implica em

razao e re.

“O ateísmo é sempre o

MÁRIO ■ Parece-nos que aqui há duas perguntas: primeira, a que interroga sobre íntima conexão entre a posição gnosiológica, metafísica e ética; e segunda, a íntima conexão entre a teoria e a prática.

Responderei à primeira, depois à outra.

ticismo, ceticismo, pessimismo, ficcionismo, pragmatismo, materialismo, niilismo, “desesperismo”; são consequências que surgiram do filosofar moderno. Portanto, inegavelmente, a reflexão filosófica deve abrir-se para uma visão transcendental da realidade,

mente da prática, passam a constituir verdadeiros axiomas teóricos. O resultado é que vivemos hoje num mundo de utopias e quimeras; como consequência, há desilusões, cujo resultado final é desespero.

oria da indeterminação. Há necessidade de esclarecer-se, sobretudo para aqueles que querem fazer Filosofia, o seguinte: se desejam fazer obra puramente subjetiva, dediquem-se à Estética e deixem em paz a Filosofia, assim como se pede aos positivis-



da com *professor de Filosofia*. Em a, o professor já se julga “*dono*” a e, neste caso, há o perigo de se o fim é uma Filosofia de profes- professores de Filosofia.

SABER SOBRE O PROBLEMA DO CONTEMPORÂNEO?

Este tema é de uma vastidão tre- que o ateísmo contemporâneo não or de uma especulação filosófica, e certas decepções de caráter mais e filosófico. A meu ver, o ateísmo propriamente, em torno do Deus eus atributos, mas, em torno dos

contempora com o prêmio Nobel de Física no ano de 1932. Criou a Física Quântica enunciando em 1927 o “*Princípio das Incertezas*”, pelo qual, se não é possível determinar as condições iniciais de um sistema com precisão, também não é possível determinar seu comportamento futuro, mas apenas estabelecer a probabilidade de um evento ocorrer. Heisenberg deu nova luz à Física — que até então estava sedimentada nos princípios imóveis da Física de Newton —, e às Ciências, abriu o campo para a metodologia da Teoria do Conhecimento.

nao na questões insolúveis, mas apenas mal colocadas”, o ateísmo moderno parece uma questão insolúvel, porque é mal colocada.”

sibilidade de penetração mais profunda. As consequências deste pensamento pessimista, negativista, são as seguintes: não é possível, com os nossos meios cognoscitivos, alcançar o que nos transcende e dar, também à própria Ética, uma visão transcendental. Desta forma existe a tendência a considerar todo o filosofar do homem apenas como uma obra humana — restringida, portanto, aos limites de nossa experiência — fundamentada nos dados de nossos sentidos e meios limitados de conhecimento. Chega-se, ademais, à conclusão de que todo e qualquer esquema que construamos jamais corresponde à realidade que nos ultrapassa. Estamos em pleno agnos-

Ciência prática. Avassalaram a atenção dos filósofos de maior responsabilidade intelectual e, apesar dos grandes trabalhos realizados — que fazem a nítida distinção entre a teoria e prática — que chegaram até nós, a maior parte deles é completamente desconhecida para aqueles que não têm nenhuma ligação com a Filosofia Positiva e Concreta, a qual pertence aos grandes ciclos culturais da humanidade. Resultado: estamos hoje vivendo uma completa confusão entre teoria e prática. Estabelecem-se determinadas proposições teóricas, julgando-se que elas são perfeitamente práticas e vice-versa. Algumas proposições, extraídas exclusiva-

pessoal, puramente subjetiva do pensador, pomos aquela no campo da Estética. Mas se admitimos que a Filosofia é uma ciência objetiva, isto é, uma busca humana da *sophia* suprema, que nos ultrapassa e transcende, ela adquire uma feição completamente distinta. Em todos os ciclos culturais, a Filosofia Positiva e Concreta é uma ciência objetiva. Em todos os momentos de decadência ou refluxo, que são vários, ela se torna puramente subjetiva.

A Filosofia Moderna está caindo no subjetivismo. Vimos até a tendência de um **Heisenberg** querendo colocar a própria Ciência no subjetivismo, pela sua te-

menos ain nossa época da Filosofia pensar que sores para

QUE PENSAR SOBRE O ATEÍSMO CONTEMPORÂNEO?

MÁRIO ■ A minha resposta é: a pergunta é mal colocada, já que surge a rigor, mas sim, do ponto de vista ético do que não surge, e de s



OBRAS PUBLICADAS E ESGOTADAS:

■ *Protágoras*, de Platão, com notas e comentários

■ *A verdade e o Símbolo*, 2ª ed.
■ *A Arte e a Vida*, 2ª ed.

OBRAS DIGITALIZADAS DISPONÍVEIS PARA SEREM

■ *Diário Intimo*, Henry-Frédéric Amiel
■ *Saudação ao Mundo*, Walt Whitman

onde podem ser adquiridas diversas palestras em áudio.

■ *A Sabedoria da Unidade*
■ *A Sabedoria do Ser e do Nada*, 2 vols.

■ *A Casa das Paredes*, 2ª ed.
■ *Escutai em Silêncio*, 2ª ed.

■ *Opúsculos Famosos*, de Tomás de Aquino (comentados)



C NCEITO

Atributos Morais
de Deus

atributos do Deus Trino, ou Deus pessoal ou dos **atributos morais de Deus**. Não conheço nenhum trabalho, de nenhum ateu, que se limite a atacar, especificamente, o Deus Uno. Conheço agnósticos e cépticos, mas não ateístas que tomem uma posição definitiva, negadora da possibilidade de um Ser Supremo.

de — aliás, a *eusébeia* — era a justa e nobre veneração da Divindade, consistindo aquela na prática de nossos atos perfectivos superiores. Aproximando-nos, pois, de Deus na medida em que praticamos, de modo mais perfeito, os nossos atos. Em suma: a *eusébeia* (a verdadeira piedade), para os pitagóricos, é

nos seus aspectos perfectivos. E o enquanto Vontade, Entendimento correspondendo, na concepção trinitária, às Três Pessoas da Trindade. Quando neste sentido, retiraremos o homem do pântano em que está afundado, e do desespero no qual imergiu, poderemos oferecer-lhe uma nova perspectiva de esperança, que poderá solidificar-se em uma verdadeira e robusta. ■

homem — pela
meditação, pelo
pensamento,
pela pesquisa,
pela especulação
— também,
a Deus. ”

Portanto, o Cristianismo presta e sempre prestou benefícios ao filósofo, razão pela qual a Filosofia teve o seu maior desenvolvimento sob a égide do Cristianismo. Será também apenas através da concepção cristã, que se poderá realizar uma Filosofia superior capaz de unir os homens e fazê-los se compreenderem, pois Cristo representa, no homem, tudo quanto ele tem de mais elevado. Já dizia Pitágoras que a verdadeira piedade

homem
homem
e Amo
ção cató
Caminh
homem
do estad
dendo to
pectiva
uma fé v

Reprodução